

LIMA BARRETO: CONFISSÕES DE LOUCURA

Joane Leôncio de Sá¹ (UFPE)

Resumo:

A temática da loucura é uma questão amplamente discutida e presente na literatura universal. No âmbito da literatura brasileira, as indagações do escritor Lima Barreto quanto ao diagnóstico da loucura se fazem recorrente em seus personagens literários, representados como otimistas incuráveis e visionários, em contrapartida a uma sociedade doentia e equivocada. A história de vida do romancista mescla-se, muitas vezes, às composições de seus personagens numa autoficção de abordagem crítica. Este trabalho procura abordar a questão da insanidade mental através do testemunho de Lima Barreto em duas obras: no relato confessional resultante de sua segunda internação no Hospício Central D. Pedro II, em Diário do hospício; e no projeto inacabado de romance O cemitério dos vivos, no qual reescreve sua experiência real de um ponto de vista ficcional, tomando como seu porta-voz o protagonista Vicente Mascarenhas.

Palavras-chave: Lima Barreto, loucura, literatura, escrita confessional, autobiográfico

Abstract:

The theme of madness is a widely discussed issue and present in the universal literature. In the context of Brazilian literature, the questions of the writer Lima Barreto regarding the diagnosis of madness are recurrent in his literary characters, represented as incurable optimists and visionaries, in contrast to a sick society and misguided. The life story of the novelist merges often to the compositions of his characters autofiction of a critical approach. This work talks about the issue of insanity through the testimony of Lima Barreto in two works: the confessional account of his second hospitalization resulting in Hospice Central D. Pedro II, in Diário do hospício, and the project's unfinished novel the Cemitério dos vivos, which rewrites your real experience of a fictional point of view, taking as his spokesman protagonist Vincent Mascarenhas.

Key-words: Lima Barreto, loucura, literatura, escrita confessional, autobiográfico

Todos estão na mão de um poder mais forte que a Morte. A esta, dizem vence o amor, a Loucura, porém, nem ele.

¹ **Mestranda em Teoria da Literatura**

joaneluz@yahoo.com.br

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Lima Barreto.

A presença da temática da loucura na literatura é amplamente estudada na história das civilizações. Já no início do século XVI, encontramos essa abordagem em Erasmo de Rotterdam com a obra *Elogio da loucura*, na qual os ideais cristãos são satiricamente questionados através da análise da filosofia e mitologia greco-romana. Erasmo se refere à loucura de forma crítica quando afirma que

Primeiro, vós bem vedes com que providência a natureza, esta mãe produtora do gênero humano, dispôs que em coisa alguma faltasse o **condimento da loucura**. Segundo a definição dos estóicos o sábio é aquele que vive de acordo com as regras da razão prescrita, e o louco, ao contrário, é o que se deixa arrastar ao sabor de suas paixões (ROTTERDAM, 2002, p. 13).

Outros exemplos literários detentores dessa temática podem ser encontrados em *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, ou ainda em *O Alienista* e *Quincas Borba*, de Machado de Assis, entre outros exemplos da abordagem.

Um importante estudo sobre a loucura que adentrará ao campo das artes e da literatura se deu em *História da loucura na Idade Clássica* (1968) do filósofo francês Michael Foucault, que percorre sobre as perspectivas da loucura na sociedade ocidental no decorrer da Era Clássica.

Para Foucault (1968), o fenômeno da loucura é caracterizado por um sentido multiplicado no qual as significações diversas se inserem sob a superfície da imagem que passa a apresentar apenas a face enigmática. E seu poder não é mais o do ensinamento, mas o do fascínio.

Dessa forma, a loucura transpassa os limites de tempo e espaço, tornando-se um tema universal em diversas culturas², um tema intimamente relacionado aos fatores sociais, uma vez que,

a experiência trágica e cósmica da loucura viu-se mascarada pelos privilégios exclusivos de uma consciência crítica. É por isso que a experiência clássica, e através dela a experiência moderna da loucura, não pode ser entendida como uma

² Cf. SOUSA, Wanély. *Autobiografia e ficcionalidade em Cemitério dos vivos de Lima Barreto*. Disponível em: <<http://www2.catalao.ufg.br/uploads/files/38/57.pdf>>.

figura total, que finalmente chegaria, por esse caminho, à sua verdade positiva; é uma figura fragmentária que, de modo abusivo, se apresenta como exaustiva; é um conjunto desequilibrado por tudo aquilo de que carece, isto é, por tudo aquilo que o oculta. Sob a ciência crítica da loucura e suas formas filosóficas ou científicas, morais ou médicas, uma abafada consciência trágica não deixou de ficar em vigília (FOUCAULT, 1978, p.34).

No âmbito da literatura nacional, um dos autores que se destaca por fazer uso do tema da loucura, é o pré-modernista Lima Barreto. Podemos perceber isso em diversas de suas obras. Em realidade, o romancista carrega o tom autobiográfico na maioria de seus escritos.

Existe um personalismo, uma autoficcionalidade que permeia a vida conturbada do escritor e seus personagens, a exemplo de Isaías (de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*), Gonzaga de Sá (de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*) e o major Quaresma (de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*). Personagens os quais permeiam temáticas autobiográficas como ser mestiço e pobre; funcionário público, panfletário e irônico; ou intelectual insano incompreendido.

Assim sendo, temas como hospício e loucura detém crucial importância na obra de Lima Barreto como um todo. O autor vivenciou a experiência do hospício por duas vezes, em 1914 e em 1919, quando fora internado com o diagnóstico de alcoolismo (motivo de internamento para os parâmetros médicos no início do século XX).

Sobre a primeira internação no Hospício Municipal do Rio de Janeiro, em 1914 (que durou aproximadamente dois meses), escrevera na coletânea de escritos confessionais do escritor, *Diário Íntimo*, que estaria mudando de gênio: “Hoje tive um pavor burro. Estarei indo à loucura?”³.

Segundo Robert J. Oakley (2011), a segunda estadia do escritor no Hospício começou na noite natalina de 1919, quando foi encontrado perambulando pelo subúrbio carioca, alcoolizado e delirando. Os trinta dias dessa internação renderam o relato autobiográfico intitulado de *Diário do Hospício*, um testemunho da vida em uma instituição para doentes mentais.

Nesse diário, Lima Barreto também medita sobre as possíveis causas de sua condição deplorável no começo de 1920, ou ainda questionava se o vício da bebida teria sido

³ Cf. BARRETO, p. 81. Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000066.pdf>>.

gerado pelo trauma de 1903, quando seu pai mergulhou repentinamente na loucura, ou por sua própria incapacidade de realizar seus ideais⁴.

João Henriques, almoxarife das Colônias de Alienados na Ilha do Governador, foi considerado, em dezembro de 1902⁵, incapaz de continuar o serviço público. E a destituição de cargos mais importantes no emprego e, por fim, a realização de um inquérito que ligava seu nome a irregularidades no livro-caixa das Colônias, todos esses contratempos culminaram na piora do estado do doente, que estava dominado pela mania de perseguição.

Conforme afirma Francisco de Assis Barbosa (2008), devido à reforma Seabra (do ministro J. J. Seabra), que decorre da queda da Monarquia, João Henriques perde o cargo de mestre de composição da Imprensa Nacional (1889), e perde o lugar de administrador das Colônias dos Alienados na Ilha do Governador (1903).

A doença do pai levou Barreto a estudar vários aspectos da doença mental através de obras científicas como *Responsability in Mental Disease* (1874) de Henry Maudsley (1835-1918)⁶. As teorias de Maudsley relacionavam a loucura com a hereditariedade, fato que posteriormente Lima Barreto irá discordar em seus escritos no *Diário do Hospício*.

E assim, a doença do pai obriga o escritor, filho mais velho dentre os quatro filhos de João Henriques, a abandonar a escola politécnica e, por conseguinte, o sonho da universidade, para trabalhar com fins de sustentar a família. Esse fato corroborou para o desgosto e a decepção de vida mediante à privação dos sonhos do estudo, de ser um romancista, “viver da inteligência e para a inteligência, sem outra preocupação que a de escrever os seus livros”⁷.

Toda essa experiência de vida influenciou o escritor em suas obras, somatizado ao fato de ser mulato, pobre e não diplomado, diante dos valores sociais da época que legitimavam os títulos acadêmicos e as medalhas militares.

Em relação ao estilo e temáticas presentes em seus romances, Gens e Oliveira (1993, p.12) afirmam que, “na poeira dos caminhos, escreve o percurso das ruas da Cidade, principalmente do subúrbio, com seu aspecto desleixado, choca a burguesia bem comportada, com o pensamento independente, mostra todo o inconformismo que fundamenta a sua obra”.

⁴ Cf. OAKLEY, 2011, p.178

⁵ Cf. BARBOSA, 1988, p. 97

⁶ Cf. OAKLEY, 2011, p.179.

⁷ Cf. BARBOSA, 1988, p.118.

Dentre todas abordagens da loucura em suas obras, podemos perceber que Lima Barreto adentra na temática de forma mais explícita e direta com tom confessional em *Cemitério dos vivos* e *Diário do hospício*.

Em *Diário do hospício*, temos um relato autobiográfico que aborda a segunda estadia no hospício, em 1919, em decorrência de um delírio alcoólico. A partir dessa obra, o escritor ficcionalizou a experiência real no projeto inacabado de romance, *Cemitério dos vivos* (publicado em 1920).

Em entrevista ao periódico carioca *A Folha*, em 31 de janeiro de 1920, o escritor já revelava a intenção de criar uma prosa ficcional a partir de *Diário do hospício*, conforme podemos verificar no trecho da entrevista realizada pouco tempo depois de sair da segunda internação: “Tenho coligido observações interessantíssimas para escrever um livro sobre a vida interna dos hospitais de loucos (...) Nessas páginas contarei, com fartura de pormenores, as cenas mais jocosas e as mais dolorosas que se passam dentro dessas paredes inexpugnáveis”⁸.

O registro autobiográfico, *Diário do hospício*, de acordo com Barbosa (1988), fornece indicações preciosas sobre o comportamento de Lima Barreto diante da vida, da luta para dominar o vício da bebida.

A obra é dividida em dez capítulos, sendo primeiro “O Pavilhão e a Pinel”, onde são descritos os detalhes do pavilhão de observação e da ala Pinel, onde ficavam os indulgentes ou as pessoas de baixa condição financeira em condições deploráveis e humilhantes, como podemos visualizar no excerto: “Paro aqui, pois me canso; mas não posso deixar de consignar a singular mania que tem os doidos, principalmente os de baixa extração, de andarem nus. Na Pinel, dez por cento assim viviam, num pátio que era *bolgia* do inferno. Por que será?” (BARRETO, 1993, p. 27).

Já no segundo capítulo, “Na Calmeil”, é descrita a transição de Barreto para a ala Calmeil onde havia uma biblioteca e onde ficavam os pensionistas, aqueles cujas famílias “financiavam” o hospício que ironicamente era de ordem pública. Nesse período, foi escrito o *Diário do hospício*.

No terceiro capítulo, “A minha bebedeira e a minha loucura”, visualizamos o problema de Lima Barreto com o álcool e os decorrentes surtos e devaneios, como a exemplo do trecho em que o autor descreve uma de suas crises num cunho retrospectivo:

⁸ Apud BARBOSA, 1988, p.230.

Certo dia, a minha alucinação foi tão forte, que resolveram me levar para a casa de um parente [...] foi pior. Mandaram-me para o Hospício [...]. Agora, que, creio, ser a última ou a penúltima, porque daqui não sairei vivo, se entrar outra vez, penetrei no pavilhão calmo, tranquilo, sem nenhum sintoma de loucura, embora toda a noite tivesse andado pelos subúrbios sem dinheiro, a procurar uma delegacia, a fim de queixar-me ao delegado das cousas mais fantásticas [...]. No começo, eu gritava, gesticulava, insultava, desconpunha [...] Só minha agitação, uma frase ou outra desconexa [...] denunciavam que eu não estava na minha razão. O que há em mim, meu Deus? Loucura? Quem sabe lá? (BARRETO, 1993, p.38).

E nos capítulos seguintes⁹ encontramos a alternância de relatos das experiências vividas no passado que culminaram na sua internação, com descrições detalhadas do lugar e das pessoas que o habitavam o hospício, desde os médicos aos pacientes.

No que concerne à questão classificatória dessa obra, consideramos a contextualização do termo diário íntimo de Maurice Blanchot (2005, p. 270) que consiste em “colocar-se momentaneamente sob a proteção dos dias comuns, colocar a escrita, submetendo-a à regularidade feliz que nos comprometemos a não ameaçar”.

Nessa perspectiva, Blanchot aponta ainda para o diário como proteção contra a loucura, ao mencionar Charles du Bos (Apud BLANCHOT, 2005, p. 273): “O diário, na origem, representou para mim o supremo recurso para escapar ao desespero total diante do ato de escrever”.

Na abrangência de diário íntimo, a palavra se desdobra no relato autobiográfico de Barreto para além de seus limites, e o ato de escrever significa, para o autor, não ficar louco, ou não estar louco, mediante a um cemitério de vivos. “Daí o diário íntimo quebrar a esfera da intimidade e voltar-se para o outro, e não somente para o eu. Há um certo descentramento, que permite a troca de posição, mobilizando o autor para a exterioridade (GENS; OLIVEIRA, 1993, p. 15).

No que concerne à obra *Cemitério dos Vivos*, a compreendemos como um romance autobiográfico, o qual, segundo Philippe Gasparini (Apud ROCHA, 2008, p. 141): “define-se por sua política ambígua de identificação do personagem com o autor: o texto os confunde e

⁹ Capítulos seguintes: 4. “Alguns doentes”; 5. “Guardas e enfermeiros”; sendo do 7 ao 10 não intitulados.

sustenta a verossimilhança desse paralelo, porém distribui igualmente vários índices de ficcionalidade”.

Cemitério dos vivos é dividido em cinco capítulos que contam a história do internamento do personagem Vicente Mascarenhas, numa projeção de Lima Barreto, que, além das semelhanças com o autor sobre ser escritor por paixão e trabalhar numa repartição pública, entre outras, tem a presença da esposa morta Efigênia, da sogra Clementina e do filho, como uma família fictícia para o romancista.

De acordo com o biógrafo do escritor, Francisco de Assis Barbosa (1988), *Cemitério dos vivos* é mais um romance romance autobiográfico, escrito com a sabedoria que “só um sofrimento vivido (e não apenas pressentido) pode dar”. Em realidade, a obra constituiria a terceira e última parte de suas confissões, iniciadas em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* e continuadas em *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*.

Sendo assim, o personagem Vicente consistiria em mais um heterônimo que coroa todo um conjunto de obras dedicadas à explicação da própria personalidade. Não havia mais a revoltainconsequente de Isaías, nem a ironia cética¹⁰ de Gonzaga de Sá; mas um personagem mais profundo a falar pelo romancista:

Eu sofria honestamente por um sofrimento que ninguém podia adivinhar; eu tinha sido humilhado, e estava, a bem dizer, ainda sendo, eu andei sujo e imundo, mas eu sentia que interiormente eu resplandecia de bondade, de sonho de atingir a verdade, do amor pelos outros, de arrependimento dos meus erros e um desejo imenso de contribuir para que os outros fossem mais felizes do que eu, e procurava e sondava os mistérios da nossa natureza moral, uma vontade de descobrir nos nossos defeitos o seu núcleo primitivo de amor e bondade (BARRETO, 1993, p.182).

A simultaneidade de semelhanças e elementos ficcionais presente nesse romance autobiográfico é definida por Gasparini (2008) como uma coexistência de códigos antagônicos, sendo os elementos autobiográficos caracterizados como operadores de identificação, como por exemplo através do trabalho e dos gostos do protagonista, ou do encontro com o enfermeiro amigo do pai de Vicente¹¹, bem como os índices ficcionais, representados pela existência da esposa, da sogra e do filho.

¹⁰ Cf. BARBOSA, 1988, p.269.

¹¹ O pai de Barreto também serviu nas Colônias da Ilha do Governador, e tinha amizade com um enfermeiro que reencontrou o escritor no hospício durante suas internações.

Para além das classificações, o romancista mantém a literatura crítica e engajada, ao questionar o diagnóstico da insanidade, o sistema de saúde e a autoridade dos médicos. Há um contexto social revelado por Barreto que ultrapassa a questão da medicina no internamento mediante ao diagnóstico da loucura, como podemos verificar no excerto de *Diário do hospício*:

Não me incomodo muito com o Hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia em minha vida. De mim para mim, tenho certeza que não sou louco; mas devido ao álcool, misturado com toda a espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material, há seis anos, me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura, delírio (BARRETO, 1993, p.23).

É recorrente nas duas obras estudadas nesse trabalho, o descontentamento do escritor para com o fato da internação ser relacionada a assunto de polícia, como se a loucura fosse um atestado criminal, ou ainda um fardo perante a sociedade. E de acordo com Foucault (1978), são encontrados indícios de que o internamento é assunto de polícia desde a Europa do século XVII.

Antes deter o sentido médico que lhe atribuímos, ou que pelo menos gostamos de supor que tem, o internamento foi exigido por razões bem diversas da preocupação com a cura. O que o tornou necessário foi um imperativo de trabalho. Nossa filantropia bem que gostaria de reconhecer os signos de uma benevolência para com a doença, lá onde se nota apenas a condenação da ociosidade (FOUCAULT, 1978, p. 73).

Dessa forma, Lima Barreto nos fazia refletir sobre a autoridade inquestionável dos médicos e da ciência, que consideravam mais seguro aplicar o recurso medieval da reclusão ao invés de arriscar “soltar” o doente nas ruas (BARRETO, 1993, p. 173):

Faziam-me perguntas de confessor, e eu as respondia com toda a veracidade de catecúmeno obediente; mas, no meu íntimo, eu tinha para mim que tudo aquilo era inútil. Há uma classificação, segundo este ou aquele; há uma terminologia sábia [...]; mas uma explicação da loucura, mecânica, científica, atribuída à falta ou desarranjo de tal ou qual elemento ou órgão da nossa natureza [...].

Barreto negava que a loucura fosse uma herança genética passada entre gerações, não acreditava numa simples explicação para a insanidade mental, numa limitação para o que

seria ilimitado. “Procuram antecedentes do indivíduo, mas nós temos milhões deles e, se fosse possível conhecê-los todos, [...] havia de haver loucos, viciosos, degenerados de toda a sorte. [...]. Todas essas explicações da origem da loucura me parecem absolutamente pueris (BARRETO, 1993, p.39).

Em *Cemitérios dos Vivos*, Barreto levava o questionamento da hereditariedade da loucura, vastamente difundido pela ciência da época, para o plano ficcional através dos pensamentos do protagonista Vicente:

De resto, os filhos de loucos são gerados por pais que estão loucos, mas tarde é que a sandice aparece; como é então que ele herdou? Tinha loucura incubada, em germen, etc.? [...] A explicação é acomodada, mas não é leal, antes de traduzir o desejo de não invalidar uma sentença. Há homens que, durante uma existência inteira, não demonstram o mínimo sinal de loucura e, ao fim da vida, perdem o juízo. As maravilhas que a ciência tem conseguido realizar, por intermédio das artes técnicas, no campo da mecânica e da indústria, têm dado aos homens uma crença de que é possível realizá-las iguais nos outros departamentos da atividade intelectual; daí o orgulho médico, que, não contente de se exercer no âmbito da medicina propriamente, se estende a esse vago e nebuloso céu da loucura humana (BARRETO, 1993, p. 174).

Mediante a tais considerações, podemos compreender a presença intrínseca e recorrente da loucura em vida e obra do romancista Lima Barreto. Temática a qual será questionada e destrinchada através do espírito crítico e da escrita confessional autobiográfica na relação entre autor e personagens.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Marco Antonio. *Hospício de doutores*. In: História, Ciências, Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.49-63, jan/mar. 2008.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

BARRETO, Lima. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1993.

BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Disponível em: <
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000066.pdf>>. Acesso em: 15 mai 2013.

XIII Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional

08 a 12 de julho de 2013
UEPB– Campina Grande, PB

BLANCHOT, Maurice. O diário íntimo e a narrativa. In: *O livro do porvir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michael. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

OAKLEY, R. J. Lima Barreto e o destino da literatura. São Paulo: UNESP, 2011.

ROCHA, Fátima. *Lima Barreto e a hibridização dos gêneros literários*. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2008. Cadernos do CNLF, v. XII, n. 07, p.133-142.

ROTTERDAM, Erasmo de. *Elogio da loucura*. Trad. Paulo M. Oliveira. São Paulo: ebooksbrasil, 2002.